

“Asiáticos diferentes entre si”: O *Corpus hippocraticum* e a alteridade interna¹

Henrique Cairus (UFRJ)

A partir das considerações do tratado hipocrático *Ares, águas e lugares*, a comunicação deseja perscrutar a insatisfação do tratadista em relação às denominações gentílicas demasiadamente abrangentes. Julga-se que a empiria que envolve o pensamento hipocrático tende a procurar traços particularizantes que determinem uma etiologia mais minuciosa para os males de povos notoriamente diferentes entre si, mas cuja diferença ainda maior em relação aos gregos abrigou sob o mesmo nome. A ruptura entre o nome e a necessária tipologização exige a recuperação de uma classificação que mescla a herança homérica aos dados colhidos *in loco*. A comunicação deseja apresentar alguns mecanismos discursivos da construção dessa alteridade da categoria ‘bárbaro’ presentes no tratado.

O tratado *Ares, águas e lugares* é um dos mais lidos de todo o *Corpus hippocraticum*. E o interesse que ele suscita tem várias motivações e matizes. Ao pensar no tema deste Congresso, o mais importante do Brasil na área de Estudos Clássicos, considere que não poderia faltar alguma palavra sobre esse tratado, ainda que tais palavras fossem breves.

Os temas mais abordados no tratado em questão são a relação entre o homem e o ambiente, e a intertextualidade desse texto médico com o de Heródoto. Naturalmente, seu caráter fundador, quanto ao primeiro tópico, e seu dialogismo, quanto ao segundo, não são pouco dignos das considerações que têm merecido por parte de estudiosos de grande renome, de Émile Littré a Jackie Pigeaud, que já participou deste congresso.

Este último ponto de interesse, o da proximidade do *Ares, águas e lugares* com o texto herodotiano, traz como possibilidade de uma vertente pela qual os convido a percorrer. Trata-se de uma etnografia fundada no *êthos* e no *nómos*, e em tal etnografia, *nómos* e *êthos* respondem à natureza, testam seus limites, e definem a identidade de um dado povo, no seio de uma alteridade que abarca vários outros *êthe*, *nómoi* e identidades.

É preciso, antes de tudo, lembrar que uma das peculiaridades do tratado *Ares, águas e lugares* é o deslocamento do eixo dicotômico da alteridade grega, construído, ao que parece, durante as Guerras Medo-pérsicas, *et pour cause*. Normalmente esse eixo

¹ Trabalho apresentado no Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos em 2003.

centra-se na oposição entre grego e bárbaro, onde ‘grego’ pode ser compreendido como civilizado, se ousarmos adaptar e restringir à realidade grega a definição de Norbert Elias para civilização, segundo a qual civilização é a idéia que o Ocidente tem de si mesmo.

Não civilizados parecem ser os bárbaros do ateniense Tucídides – assim como os de outros atenienses -, mas talvez essa visão não seja bem adequada para os bárbaros de Heródoto. “Entre os bárbaros é esse o *nómos*” (p.ex., em 5, 18 ou 1, 131, 1, 216, etc.), diria o Historiador de Halicarnaso, por exemplo, ao referir-se ao pudor relativo à nudez entre os lídios. Bárbaros com *nómoi*: civilizados, portanto. Mas com *nómoi* diferentes. Será preciso, então, distingui-los, mas sempre com o cuidado de não perder de vista o que os une e o que os torna passíveis de figurarem em um mesmo conjunto: eles não são gregos. O critério maior é, assim, étnico e lingüístico, mas sobretudo étnico.

Contudo, o conceito reconstruído de bárbaro baseia-se em uma identidade negativa. Eles são porque não são; ou: eles não são gregos. Isso significa que eles podem ser qualquer coisa, desde que não sejam gregos. Eis o desafio maior da etnografia de Heródoto: criar alteridades dentro de alteridades, gerar diferenças internas entre o que lhe era tão diferente ao ponto de provocar “*thôma*” ou o ‘espanto’, para usar uma tradução bem corrente.

Nomes antes remotamente vinculados a gesta bélica ou a mitos fundadores tomam contornos mais nítidos, ganham proximidade por meio da identificação de diferenças que se articula agora em dois pontos, o externo, segundo o qual os bárbaros não são gregos, e o interno, pelo qual, os não-gregos distinguem-se entre si, de forma mais profunda do que internamente se diferenciam os gregos.

O tratado *Ares, águas e lugares*, como já foi dito, desloca esse eixo, e propõe uma nova articulação dicotômica que, preservando a distinção étnica referida, munirá a observação grega do mundo não-grego com o critério espacial. Refiro-me especificamente a divisão entre europeus e asiáticos.

Um grego será sempre grego, ainda que asiático, e um bárbaro sempre será um bárbaro. E esses qualificativos deverão ser pensados como duas retas que definem um ponto, como duas categorias necessárias para perceber-se o indivíduo imerso em sua natureza peculiar e em seu *nómos* característico.

O nómos é evocado como uma relação à natureza, e, de resto, será também pelo nómos que o médico viajante deverá promover o diálogo com a natureza que caracteriza a medicina e, de modo especial, a hipocrática. Assim, na única ocorrência do termo “bárbaro” no *Ares, águas e lugares*, nota-se que essa distinção é reduzida pela resposta exigida pela natureza externa, pela natureza que demanda um nómos que com ela conviva: “os gregos ou bárbaros que vivem na Ásia não são despotizados, mas são autônomos² e sofrem³ por conta própria” (XVI,1). Onde gregos e bárbaros diferenciam-se dos asiáticos por não terem ainda adquirido a natureza que o meio impõe.

O autor hipocrático prefere, então, tecer suas observações sob a dicotomia que tem uma notável importância para esse verdadeiro ‘campo de marte’ entre a natureza e o nómos, que é a sua medicina.

Como Heródoto dizia “entre os bárbaros esse é o nómos”, diria o tratadista hipocrático: ‘entre os asiáticos esse é o nómos’.

Pode-se objetar a esse deslocamento, alegando-se que, para Heródoto, também há uma distinção entre europeus e asiáticos. Isso é certo e incontestável, como é certa a identidade que o Historiador estabelece entre as categorias asiático e bárbaro, em oposição a gregos e europeus. Mesmo povos europeus não gregos são imediatamente associados à Ásia, como os citas, sobre que informa Heródoto: οἱ δὲ Σκύθαι τὴν Ἀσίην πᾶσαν ἐπέσχον [os citas dominaram toda a Ásia]. A identidade é assegurada em todas as 134 ocorrências da palavra ‘Ásia’ na obra de Heródoto, e chega mesmo a ser mais incisiva em proposições como: νόμος δὲ τοῖσι Λακεδαιμονίοισι κατὰ τῶν βασιλέων τοὺς θανάτους ἔστι ὡυτὸς καὶ τοῖσι βαρβάροισι τοῖσι ἐν τῇ Ἀσίῃ [o costume dos lacedemônios quanto as mortes dos reis é o mesmo entre os bárbaros da Ásia]. De resto, tal polaridade dual em Heródoto é construída sobre o alicerce homérico, em que os asiáticos identificam-se com os teucros, e os europeus com os aqueus. É isso que expressa claramente o trecho 1,3-5 da obra do Historiador, especialmente em 1,4, onde se lê: “os persas reivindicam para si a Ásia e todos os povos bárbaros que nela habitam, e consideram a Europa e tudo que é grego como algo (dela) separado”.

² i.e., governam-se a si mesmos, “autónomoi”, em grego.

³ talaporêusin

A construção da dicotomia proposta pelo tratadista privilegia, por sua vez, o espaço e suas implicações – especialmente através do clima – na natureza humana. Assim o autor do tratado introduz o tema:

XII. 1. Desejo falar agora sobre a Ásia e a Europa, no quanto diferem mutuamente em todos os aspectos, e sobre a compleição dos povos, em que distinguem, sem que pareçam em nada entre si. O discurso sobre tudo isso seria muito longo, mas falarei sobre o que for mais importante e sobre o que for mais interessante, na medida em que assim me pareceram. 2. Afirmando que a Ásia difere mais da Europa no que concerne às naturezas de todas as coisas que brotam⁴ da terra e dos homens. Pois na Ásia, tudo é muito mais belo e maior; essa região é mais dócil e os caracteres dos homens mais amenos e mais afáveis.

A distinção, como pode ser facilmente notado, concerne à natureza da terra, em primeiro lugar, e, em segundo e por consequência, à do homem. O papel da natureza da terra, portanto, é um algo fatalista e imperativo, além de relacionar-se estreitamente com a esfera divina.

É possível, contudo, ser grego na Ásia. É possível estar-se na Ásia e cultivar o *nómos* grego, a “autonomía”, no dizer do médico tratadista. Sempre o *nómos* moderando a natureza e testando os seus limites. Mas o próprio *nómos* tem seu limite, e esse limite é dado pelo tempo, como mostra o famoso caso dos macrocéfalos.

Dizer ‘asiático’ e ‘europeu’, ainda que isso pareça mais produtivo para a observação da étnico-medicina hipocrática do que dizer ‘grego’ e ‘bárbaro’, ainda não é suficiente para o resultado que o tratadista procura. É preciso descer bem mais às minúcias, e verificar, por um verdadeiro aristotelismo *avant-la-lettre*, as sub-categorias que preenchem esses grandes conceitos étnicos e espaciais, que são ‘asiático’ e ‘europeu’.

“Os asiáticos são mais inaptos para a guerra do que os europeus, e são mais dóceis em relação ao êthos” (XVI,1). Os asiáticos são menos belicosos e são despotizados, mas os europeus, sendo mais livres, lutam mais e com mais afínco, por defenderem os seus interesses, e não os de seus senhores. Essas e algumas outras diferenças fazem a distinção entre esses dois grupos, que tem as suas “sementes” geradoras modificadas pelo clima. Há, porém, uma variedade considerável de povos

asiáticos, que precisa ser entendida em suas particularidades, que são delineadas mais pelo *nómos* do que propriamente pela natureza. Na expressão do tratadista, “Na Europa as tribos (*phyla*) são diferentes umas das outras, tanto nas estruturas quanto nas compleições, quanto nas virilidades” (XXIV,1). E o mesmo ocorre com a Ásia, onde teremos, finalmente, a alteridade sobre a alteridade, ou o que chamamos aqui de “alteridade interna”.

A preocupação do tratadista, no entanto, é pensar sobre as diferenças que considera maiores: “Tudo o que difere pouco nos povos eu deixarei de lado. O que for grande, pela natureza ou pelo costume⁵, falarei sobre eles, tal como eles são. E primeiramente, falarei sobre os Macrocéfalos” (XIV,1). E essa operação parece ter uma clara razão de ser: o critério da diferença deve estabelecer a hierarquia de importância. Tanto mais importa o que mais for diferente do grego ou, mais precisamente, do europeu. “Menos afeitos à guerra do que os europeus”, é como o tratado descreve o espírito mais ameno dos asiáticos.

Leiamos com atenção o seguinte trecho já citado: “O discurso sobre tudo isso seria muito longo, mas falarei sobre o que for mais importante e sobre o que for mais interessante⁶, na medida em que assim me pareceram”. A expressão que traduzi por “o que for mais importante” é *πλείστον διαφέροντα*, que pode ser traduzida por “o for mais diferente”, e é assim mesmo que Jouanna a traduz, munido de muitos argumentos.

Argumentos que não contradizem o fato de que é significativa a opção por um termo que justamente denote o interesse pela diferença. Por isso, os dois grandes exemplos do tratado são os citas, do lado dos europeus, e os macrocéfalos, do lado dos asiáticos. Entre sim esses povos diferem externamente. Os primeiros sofrem as consequências de terem sido gerados em solo europeu, e os segundos manifestam as características dos que foram concebidos em terras asiáticas.

Contudo, os citas anaríeus diferem dos demais europeus por algo que tem origem na natureza, onde o *nómos* age como que sob uma *hamartía* no sentido aristotélico do termo. Os anaríeus tornam-se sexualmente impotentes por andarem a cavalo mais do que se deve, mas não desejam tornar-se estéreis apenas desconhecem

⁴ essa passagem evidencia que o autor fala sobre duas naturezas (*phýseis*), a dos homens e da terra.

⁵ *phúsei* é *nómos*.

⁶ Segundo a tradução de Jouanna: “sobre o que oferece as maiores diferenças”.

um dos pontos de interferência do *nómos* sobre a *phýsis*. Tornam-se, assim vítimas de seu próprio *nómos*, quando pareciam estar sujeitos a uma *phýsis* que só poderia ser explicada com a ajuda de interpretações místicas, como faz Heródoto, seguramente – a julgar pelo texto do próprio tratado – baseado no que ouviu daquele povo. Eles são, contudo, uma subcategoria de uma subcategoria, o *citás*, de uma categoria maior, que é a do europeu. E nesse conjunto, destacam-se pelas citadas diferenças.

Os macrocéfalos, asiáticos, ao contrário, conhecem os efeitos de seu *nómos* sobre a *phýsis*, e propositadamente forçam a *phýsis* através do *nómos* para obterem o resultado socialmente esperado, qual seja, o das cabeças oblongas de seu povo. A atuação de seu *nómos* através de uma *tékhne* ousada é, porém, limitada pelo tempo. Pois, não conseguem modificar a natureza em tempo de longa duração. Seja como for, essa é uma marca exclusiva dos macrocéfalos no conjunto das etnias asiáticas.

Para o médico tratadista, é certo, os europeus são mais diferentes entre si do que os asiáticos, mas penso ter demonstrado, nesse curto tempo, a idéia de que é preciso pensar a alteridade no Corpus hippocraticum, especialmente no tratado *Ares, águas e lugares*, levando-se em consideração simultaneamente os eixos étnico e espacial, para que na interseção, possam ser entendidas as abordagens das etnias, e que frases como essa com a qual encerrarei a minha fala, possam revelar-se mais ricas do que podem parecer. Segundo o tratado:

“Encontrarás também asiáticos diferentes entre si, alguns melhores, outros pusilânimes. As causas disso são as mudanças das estações” (XVI,5).